

Ciência, magia, ironia em *Waldo ou do Impossível* de Robert Heinlein ou Um ensaio sobre o ceticismo supersticioso

Ottaviano de Fiore*

Para
Ruth Cardoso, *in memoriam* de seu Curso de Antropologia Estrutural e
Leôncio Martins Rodrigues que curte Ficção Científica

Resumo

O artigo trata da ficção científica de Robert Heinlein e de sua articulação na contracultura do século XX. Época de notáveis achados no âmbito da ciência foi também invadida por relativismos, imposturas e pseudociências, em um caldo cultural estimulado pelo fato de que alguns físicos assumiram o papel de filósofos enigmáticos. Os dilemas da ciência, sobretudo no âmbito da física quântica, abriram curiosamente o caminho para reabilitações da magia e, no plano da literatura, para a proliferação de narrativas nas quais explicações mágicas pareciam ter um caráter plausível, tudo isso envolto em ironia e ceticismo supersticioso.

Palavras chave: ficção científica; pseudociências; contracultura; relativismo pós-moderno; ceticismo supersticioso

Abstract

The article deals with Robert Heilein's science fiction and its articulation in the counterculture of the twentieth century. Period of remarkable findings in science was also invaded by relativism, impostures and pseudosciences in a cultural broth encouraged by the fact that some physicists assumed the role of enigmatic philosophers. The dilemmas of science, particularly in the field of quantum physics, curiously opened the way for the rehabilitation of magic and, in literature, for the proliferation of narratives in which magical explanations seemed to have a plausible character, all wrapped in irony and superstitious skepticism.

Keywords: science fiction; pseudosciences; counterculture; postmodern relativism; superstitious skepticism

* Ottaviano De Fiore. Escritor e Editor na Editora Abril Cultural e na Editora Pau Brasil. Professor de Ciência Política na PUC-SP, USP e Metodista. Secretário Nacional do Livro e da Leitura no Governo FHC.

É verdade que ser um grande escritor de Ficção Científica é como ser o mais alto dos sete anões – o gênero já produziu livros notáveis mas, com razão, goza de baixíssimo prestígio literário. Todavia, livros literariamente insignificantes podem ser culturalmente significativos e *Waldo ou do Impossível* (HEILEIN, [1940] 1962) encarna à perfeição um tema recorrente da narrativa popular: a “iminente” redescoberta da Magia pela Ciência e a conversão do arrogante *establishment* científico de nariz empinado à visão do mundo do homem comum.

De fato, ao contrário do que poderia se esperar, escrever ficção científica não implica minimamente em adotar uma visão científica do mundo. Pelo contrário, uma parte significativa de seus escritores busca desqualificar os pressupostos das ciências positivas e requalificar os pressupostos da magia popular. O que é também um objetivo de várias pseudociências, lembrando aquelas novelas policiais nas quais a polícia faz o papel de idiota e quem descobre os criminosos são detetives amadores ou velhotas espertas. Von Mises considerava este sentimento – a desvalorização dos profissionais e a valorização dos diletantes – a marca registrada da cultura populista. Heinlein, todavia, não pode ser confundido com iletrados populares à la Erich von Däniken – um mecânico de automóveis que, numa prisão suíça onde cumpria pena por pequenos roubos, descobriu que os deuses ameríndios eram astronautas alienígenas. Heinlein, *gentleman and officer* de radiocomunicações da marinha de guerra, estudara física e matemática. Sua escrita é estereotipada, mas não primitiva.

De qualquer forma, o que importa para este ensaio é que, apesar do seu conhecimento das ciências naturais, Heinlein – assim como boa parte da Contracultura norte-americana – era fascinado pelos abismos descortinados por ocultistas sofisticados como Ouspensky, pela *General Semantics* de Korzybski, pela hipótese linguístico-antropológica de Sapir-Whorf e especialmente por Charles Fort, “o homem que inventou o paranormal” (STEINMEYER, 2008), uma das mais importantes raízes da literatura popular anticientífica do século XX que analisarei mais adiante.

Quanto aos três primeiros, Piotr Demianovich Ouspensky foi o mais conhecido divulgador e apóstolo do célebre mago Gourdieff. Uma de suas obras mais importantes é a coletânea de ensaios *Um Novo Modelo do Universo* (1931) na qual descobrimos que talvez as abelhas descendam dos Atlantes, que a última ceia de Cristo foi uma encenação teatral esotérica e que as cartas do Tarô são uma máquina

iniciática. Todos, temas excelentes para a Ficção Científica que revelam seu estreito parentesco com as visões extrauniversitárias do mundo¹.

A *General Semantics* de Korzybski (1933), divulgada por intelectuais como Hayakawa e Anatole Rappaport, tem pouco a ver com aquilo que a universidade chama Semântica. A Semântica de Korzybski é “terapêutico-existencial”. Ou seja, como é típico das crenças contraculturais, ela se destina a *curar o Homem de si mesmo*, um objetivo fundamental das doutrinas e utopias religiosas ou pseudocientíficas.

Por fim, a chamada hipótese Sapir-Whorf afirma que cada língua humana desenvolve sua própria imagem do universo, diversa daquelas criadas pelas outras línguas. Para Sapir e Whorf as línguas criam universos imaginários que, ingenuamente, os homens acreditam ser a própria realidade. Uma visão da gênese das culturas aparentada a *General Semantics* e, também, ao relativismo cultural pós-modernista das universidades franco-americanas.

Estudar *Waldo ou do Impossível* é, portanto, estudar uma obra típica: os argumentos que estruturam sua narração se repetem infinitamente na imensa galeria de espelhos que é a Ficção Científica, a qual por sua vez é uma boa caixa de amostras daquele movimento ainda mais amplo e diversificado que, na segunda metade do século XX, se chamaria Contracultura e que no século XIX se chamou Romantismo.

Obviamente nem toda Ficção Científica desconfia da Ciência. A Ficção Científica soviética da época stalinista era oficialmente otimista – e constrangedoramente infantil. Mas desde *Frankenstein* (1818) boa parte do gênero mantém uma atitude que, paradoxalmente, tende a misturar uma crítica socialmente progressista e libertária a uma epistemologia arcaico-vitalista que identifica a Ciência com o mito luciferino de Fausto.²

O caos e o indeterminismo reconquistam o mundo

¹ Os livros de Ouspensky, além das extravagâncias ocultistas, contem observações psicológicas e metafísicas interessantes.

² *Frankenstein, um Prometeu Moderno* é muitas vezes apontado como o primeiro livro no qual os novos temas científicos se fundem aos velhos temas da narrativa fantástica, gerando a Ficção Científica. Mas o início desta fusão remonta a algumas utopias do século XVI – como a *Nova Atlântida* de Francis Bacon e a *Cristianópolis* de Johann Valentin Andreae. De fato, os escritos rosa-cruzes lembram bastante os da Ficção Científica. (cf. YATES, 1983).

Waldo Jones, o cientista que protagoniza a novela de Heinlein, é como Stephen Hawking, uma mente genial enclausurada num corpo quase paralisado pela fraqueza muscular da *myastenia gravis*. Motivo pelo qual este cientista tornado milionário por suas patentes vive sozinho com seu cachorro num satélite artificial, flutuando pelo ar em gravidade zero sem submeter-se à força da atração terrestre que o imobilizaria.

Lá embaixo no planeta Terra a energia já não é mais transmitida por cabos. Como nos anos 1940 esperava realizar o tecnólogo-visionário Nikola Tesla, a energia é transmitida livremente pelo espaço e captada por receptores acoplados a todas as máquinas, aparelhos e instrumentos. A narrativa se inicia quando de repente, aqui e ali, os receptores de energia que alimentam as máquinas da civilização começam a parar sem nenhuma razão aparente. Acidentes se multiplicam, fábricas colapsam, as luzes se apagam, os instrumentos se calam. O que está acontecendo?

Ao investigar esta estranha epidemia de acidentes aleatórios, Rambeau, o diretor científico da companhia, enlouquece ao descobrir algo que, para um “positivista” empedernido como ele, só pode ser devastador – *as leis naturais deixaram de funcionar* com regularidade e o mundo se tornou “indeterminado”: “O caos é rei e a magia se espalhou pelo mundo! Geme Rambeau. O senhor está aí e eu aqui. Ou não. Nada é certo. NADA!”. Para demonstrar isso corta um dedo e o dedo não sangra. Perfura a mão e o furo some: “Sabe por quê? Porque a faca está aqui apenas provavelmente! [...] Não há mais limites porque nada é certo. Olhe”. Rambeau coloca o canivete no ar e o canivete não cai. “O canivete **não sabe** que deveria cair [...] porque nada mais é certo. Talvez caia, talvez não. Acho que vai cair. Pronto... caiu.” (HEINLEIN, 1962, p. 58)

O Universo deixara de ter causas constantes e agora *tudo* poderia acontecer. Uma fantasia literária nascida do profundo abalo intelectual que o racionalismo sentiu no século XX. O *Caos* e a *Magia*, os dois maiores rivais ideológicos das ciências positivas tinham se “espalhado pelo mundo”.

O *Caos* é aquele buraco negro onde tudo perde a organização interna – a organização que as ciências estudam. Aquele abismo vertiginoso no qual o universo se degrada na confusão sem significado da entropia. Já a *Magia* é a visão da Natureza regida pelo Sonho e pelo Inconsciente.

Estamos diante daquele debate que no século passado – devido especialmente

às estranhezas subatômicas reveladas pela Quântica – separou os métodos de conhecer e entender o mundo em duas atitudes opostas: a crítica positivista de Karl Popper e a crítica contraculturalista de Fritjof Capra.

Popper adquiriu sua fama de filósofo oficial do Positivismo quando enunciou o critério da *falsificabilidade das teorias* para separar aquilo que é Ciência daquilo que não é Ciência. Um critério adotado quase que oficialmente pelos empiristas anglo-saxônicos. Seu oposto intelectual é o físico-filósofo Fritjof Capra, autor de *O Tao da Física*, talvez a obra mais célebre da contracultura. A primeira metade deste livro é um bom resumo das estranhezas da Quântica enquanto que a segunda é uma viagem pitoresca aos lugares comuns do pseudo-orientalismo inaugurado no século XIX pela teósofa – e audaciosa charlatã – Helena Petrovna Blawatsky³.

Simplificando: para Popper a Ciência precisa livrar-se de todo e qualquer resquício do irracionalismo, mágico ou não. Para Capra, a Ciência precisa “completar-se” voltando a incorporar a Magia – uma das teses fundamentais da Contracultura adotada ironicamente por Heinlein em *Waldo ou do Impossível*.

A epistemologia de vovô Schneider

Durante a inexplicável crise de transmissão da energia que se instalou no planeta, um funcionário da empresa transmissora, cujo avião também parou de funcionar sem motivo aparente, aterrissa perto da cabana de um velho curandeiro. O homem mora sozinho sem eletrodomésticos, sem energia transmitida nem tecnologia alguma. Vovô Schneider planta o que come, cria galinhas, conhece ervas, assa seu pão e cozinha mezinhas para as dores matutinas. Rousseau se orgulharia dele.

O velho, depois de ouvir o que aconteceu, vai até o avião e concerta os receptores de energia passando as mãos sobre eles. Ele está utilizando o conhecido *poder das mãos* que, em cerimônias públicas anuais, os reis da França e da Inglaterra utilizavam para curar a escrófula (os rebeldes puritanos apelidavam Carlos I, “o acariciador”). E, de fato, depois do tratamento mágico de Schneider as antenas dos receptores de energia voltam a funcionar. Só que ninguém consegue entender ou

³ Para conhecer esta história, ler *Teosofia, a História de uma Pseudo-Religião*, livro que não foi escrito por um racionalista, mas pelo célebre ocultista René Guénon.

reproduzir o feito do velho.

A companhia apela então para Waldo, o gênio quase paralítico que orbita a Terra em seu laboratório, e este conclui que se encontra diante de fenômenos cujas leis desconhece, murmurando pensativamente “se é que há leis”. Uma dúvida radical que, como já podemos imaginar, o levará por fim a repudiar seu “positivismo”⁴ e reconhecer a existência objetiva dos fenômenos mágicos depreciativamente ignorados pela Ciência.

Infelizmente para Waldo, vovô Schneider não fala por telefone nem por qualquer outro meio artificial, vídeos, fotografias, tele câmaras, etc. É um primitivo essencial. Só fala pessoalmente e não sai de casa. Apesar de semiparalítico, Waldo é portanto obrigado a visitá-lo em sua cabana. Mas o velho antes de tratar dos receptores de energia pergunta a Waldo o que há com seu corpo, o examina e por fim lhe diz:

Não há nada que não funcione no seu corpo. Levante-se e caminhe.
Waldo sacudiu a cabeça debilmente.
Sinto Vovô, não posso.
O senhor precisa encontrar a força e obrigá-la a ser útil. Experimente.
Sinto. Mas não sei como fazer isso.
Esse é seu único problema. O senhor está enviando sua força para o “Outro Mundo”. O senhor precisa ir até o Outro Mundo e trazê-la de volta.
E onde fica o “Outro Mundo” vovô?
Schneider pareceu ficar em dúvida sobre a resposta.
O “Outro Mundo”, disse por fim “é o **mundo que o senhor não vê**. Está aqui, ali e em toda parte. Mas está sobre tudo **aqui**” e tocou sua cabeça. A mente está localizada no outro mundo e envia suas mensagens ao corpo. Espere. (HEINLEIN, p. 172)

O velho massageia Waldo com um unguento caseiro lhe diz: “Deixe a mente repousar. E procure a Força. O Outro Mundo está próximo e está cheio de força. Procure-a”.

Depois disso, como o leitor já imaginou, Waldo se sente um pouco melhor. A explicação de Vovô Schneider para esta melhoria situa-se entre três concepções do mundo bem conhecidas pela Universidade – o dualismo cartesiano, a dialética de Hegel e a anarquia epistemológica pós-modernista:

⁴ A luta contra o “positivismo” provém de quatro fontes. Três delas – as religiões, o ocultismo e o romantismo – são de índole tradicionalista. A quarta, o marxismo, pensa ser modernizadora. As aspas são necessárias porque o “positivismo” que eles combatem é, em boa parte, um *inimigo inventado*. O que tanto os tradicionalistas quanto os marxistas esperam desqualificar são as próprias ciências positivas. Os primeiros requalificando a Magia e os segundos reinterpretando-as “dialeticamente”.

Dizem que há duas maneiras de se olhar para uma coisa – afirma Schneider – mas na realidade há muitas maneiras. Muitas boas e muitas más. Um antigo disse que as coisas **existem** ou **não existem**. Mas isso não é verdade porque uma coisa pode **ser** e **não ser** [...]. As vezes uma coisa **é** para este mundo mas **não é** para o Outro Mundo. O que é muito importante já que nós vivemos no Outro Mundo.

Nós vivemos no Outro Mundo?

E onde mais poderíamos viver? A mente... não o cérebro mas a mente, se encontra no Outro Mundo e alcança este mundo por meio do corpo. Esta é uma das maneiras certas de ver as coisas. Mas há outras.”

Ou seja, para Schneider não há apenas uma maneira certa de ver as coisas: há muitas *igualmente* certas. Ele pensa como alguns dos extremistas mais exuberantes do pós-modernismo analisados por Sokal e Bricmont (2006) em *Imposturas Intelectuais*.

Trata-se daquele ultrarrelativismo culturalista que nos meados do século XX floresceu no jardim das humanidades e atingiu profundamente as Letras, a Psicologia e a Antropologia, produzindo pensadores magníficos como Roland Barthes, gurus de peso como Lacan e muitíssimos *now people* palavrosos. Schneider, o sábio camponês arquetípico, pertence portanto a uma ilustre companhia universitária franco-americana.

Todavia, associada a esta visão provinda da Universidade, ele enuncia também uma certeza universal das comunidades *folk* – o pensamento age sobre a matéria *exterior* ao corpo humano. A crença universal no *mau olhado* e nas *mãos que curam*. Assim, sua explicação para a estranha paralisia do avião é que a mente do piloto cansada, ansiosa e insegura, deixara por um momento de acreditar com firmeza na Ciência. Este sentimento de incerteza afetara os receptores de energia e causara a pane da máquina. O pensamento agira a distância sobre a matéria.

Duas das afirmações de Vovô Schneider são temas tradicionais da História da Filosofia Ocidental. Para a dialética hegeliana uma coisa pode ser algo e também seu oposto. E para o dualismo cartesiano o Universo é composto por duas substancias essencialmente diversas interligadas em alguma área do cérebro humano. Aliás, o físico Roger Penrose, o último mas com certeza não o derradeiro cartesiano, acredita ter descoberto o lugar físico onde se realizaria esta integração entre cérebro e mente: os micro túbulos dos neurônios (PENROSE, 1989). (Não me perguntem *por que* esta ligação entre a subjetividade e a objetividade aconteceria “quanticamente” nas moléculas dos neurônios).

Entretanto, o diagnóstico de Schneider de que a *myastenia* de Waldo é causada por um vazamento de sua “força” para o Outro Mundo – algo como um curto circuito

da “energia vital” – não provém da tradição filosófica universitária. Ela é um *adendo xamânico* de Heinlein à filosofia dos dois mundos de Descartes. Uma fusão da ciência com a magia, aquele tipo de especulações que são um dos encantos da Ficção Científica – e também de algumas obras de Antropologia.

O Outro Mundo como Quarta Dimensão

De volta ao seu laboratório espacial Waldo começa a raciocinar sobre as duas premissas de Vovô Schneider traduzindo suas afirmações mágicas em visões “científicas”.

Afinal, o que o velho sábio iletrado queria dizer com “Outro Mundo”? Um “mundo” é um continuum de espaço, tempo e energia; um “Outro Mundo” era portanto um outro continuum, diferente deste. A Física Teórica nada tinha contra esta noção; a possibilidade de um número infinito de “continua” era uma especulação ortodoxa e familiar”.
[...] Schneider dissera que o Outro Mundo estava a nossa volta. Bem, isso não era uma descrição de espaços sobrepostos em correspondência um a um? Um espaço como este poderia estar tão próximo ao espaço conhecido que o intervalo entre eles seria infinitesimal. Um intervalo irrelevante mas inalcançável: dois planos coextensivos separados por um intervalo inimaginavelmente breve mas, ainda assim, distintos um do outro.

No início do século XX, antes que as estranhezas quânticas se difundissem dos laboratórios para os círculos literários, o papel de explicar “cientificamente” a magia fora atribuído às (então) novíssimas geometrias não euclidianas. Em especial à enigmática “Quarta Dimensão”, um tema provindo da geometria analítica que penetrara na literatura fantástica do século XIX com Charles Howard Hinton (1853-1907), autor de aventuras que se passam nesta suposta dimensão.⁵

Hinton influenciou ocultistas sofisticados como Ouspensky⁶, eruditos irônicos como Borges⁷ e literatos populares como Heinlein. As crianças brasileiras de minha geração conheceram a revolução dos geômetras não euclidianos através do maravilhoso livrinho *O Escândalo da Geometria* de Júlio Cesar Mello e Souza que em outros livros se chamou Malba Tahan.

⁵ Ver “*Racconti Scientifici di Charles Howard Hinton*” (Milão 1978) que J. L. Borges selecionou e prefaciou para a edição de Franco Maria Ricci, “*La Biblioteca di Babele*”.

⁶ O Cap. II de *Um Novo Modelo do Universo* de Ouspensky é uma adaptação das especulações geométricas de Hinton à visão mágico-ocultista dos mundos visíveis e invisíveis.

⁷ Os contos “Tlön, Uqbar, Orbis Tertius” e “O milagre secreto” de Borges (2007) se baseiam nas especulações de Hinton.

De fato, para a Geometria, um milímetro possui o mesmo número de pontos que a distância entre duas galáxias. Isto é, uma linha de um milímetro corresponde ponto por ponto com uma linha de um quilometro ou até com uma linha infinita. O que, aliás, vale para também para as superfícies e volumes.

Esta propriedade a primeira vista tão estranha deriva do fato dos pontos geométricos não possuírem dimensões espaciais (altura, largura e profundidade). Eles não são coisas materiais, são “coisas” da mente. Por isto, utilizando esta correspondência entre pontos imaginários não é difícil demonstrar que dois universos de formas e volumes completamente diferentes podem sobrepor-se ponto por ponto apesar de um deles ser infinito e o outro, como sugere Waldo, ter o tamanho e a forma de um ovo de avestruz. Heinlein, devido à sua formação físico-matemática era fascinado por estas propriedades contraintuitivas do espaço geométrico que comparecem em várias de suas narrativas.

Todavia, o problema que Waldo precisa enfrentar não é de ordem geométrica, mas psicofísica. Vovô Schneider afirmava que a ligação entre estes dois espaços sobrepostos era *mental*. Para o velho aquilo que une o Outro Mundo àquele que nos cerca é Mente – a qual impregna *ambos* os mundos. Note-se que Heinlein não estava inventando nada que já não tivesse passado pela cabeça de filósofos, ocultistas e cientistas. No século XVII, Giordano Bruno, mago hermético, cosmólogo e panteísta, chamou esta força vital que embeberia o Universo de *Anima Mundi*, a Alma do Mundo.

Filósofos, Xamãs e Físicos Quânticos

Ao supor que a união entre o Outro Mundo e o Mundo Cotidiano é realizada pela *Mente Que Tudo Impregna*, Waldo contraria frontalmente Descartes que, como a maioria dos cientistas modernos, acreditava na *mecanicidade* essencial da matéria inanimada. De fato, sob disfarces geométricos e quânticos, o que Waldo está recuperando é a visão xamânico-alquímica do *Universo Animado*. E também a dos filósofos ditos “idealistas” como Berkeley e Hegel: a visão de que tudo é Mente ou está na Mente.

Para Berkeley (1685-1753) – o mais radical e o melhor escritor do idealismo

ocidental – aquilo que chamamos realidade é uma *criação* do nosso espírito. O verde da árvore, o azul do céu, a perspectiva da paisagem, os rostos humanos, só existem na nossa Mente. O mundo exterior à Mente é incognoscível, sequer podemos garantir que ele exista. E se todos o percebemos da mesma forma é porque estamos todos *sendo pensados* pela Mente que tudo pensa, Deus (BERKELEY, 1963).

Berkeley com seu estilo cristalina e inglês foi o pai do germanicamente obscuro Hegel que afirmava o mesmo só que de forma mais incompreensível. Note-se entretanto que esta visão não é nova. Chuang Tse (370-301 a.C.) o filósofo chinês que sonhou ser uma borboleta e ao acordar ficou em dúvida se agora ele não era uma borboleta que sonhava ser um homem, estava se colocando o mesmo problema. E com certeza alguns pensadores paleolíticos devem ter matutado sobre isso (tendemos a menosprezar a inteligência dos “selvagens”).

Todavia, para chegar às mesmas conclusões subjetivistas dos xamãs, dos alquimistas e dos filósofos idealistas, os físicos quânticos não esquadriharam o funcionamento de seu próprio espírito. Pelo contrário, de forma completamente *nova* na história do conhecimento humano, os físicos quânticos chegaram a estas conclusões interpretando resultados de experiências *objetivas*. Experiências de laboratório, não autoexames das mentes de filósofos.

E neste caso o verbo *interpretar* é a alma da questão: as experiências quânticas realmente confirmaram as suspeitas de Berkeley e Chuang Tse? A maioria dos físicos profissionais recusa-se a responder questões como esta. Sua atitude é “sente-se e calcule” ou “eu não trabalho no departamento de Filosofia” – mas um bom número deles, inclusive alguns dos realmente grandes como Bohr, adoraram tornar-se filósofos enigmáticos. A seu favor podemos dizer que, dadas as descobertas estranhíssimas da Quântica, era mesmo difícil escapar a esta tentação. “*Se você acha que entendeu a quântica, então garanto que não entendeu*” observou Fermi.

A relegitimação da magia e o argumento do resíduo indiscutível

Seja como for, aceita a premissa de que a unidade entre os dois mundos é realizada pela Mente – a qual, como o *Espírito Absoluto* de Berkeley-Hegel e a *Anima Mundi* de Bruno, impregna o mundo – Waldo passa a expor outra certeza do discurso

anticientífico. Aquela certeza que nos séculos XIX e XX se tornaria uma pedra de toque do contraculturalismo: apesar da presença indiscutível dos charlatães, existe um indiscutível *resíduo de verdade* na magia.

Era evidente que no mínimo noventa por cento de toda a magia era constituída por mistificações [...], todavia os princípios de contiguidade, simpatia e homeopatia⁸ pareciam adquirir certo significado se fossem relacionados ao conceito de um Outro Mundo, diferente do nosso mas acessível.

[...] Apesar das bobagens e confusões dos tratados de magia, a magia produzira o curare, a digitalina, o quinino, o hipnotismo, a telepatia, a engenharia hidráulica dos sacerdotes egípcios. A própria química derivou da alquimia e muitas ciências modernas se originaram da magia [...].

Infelizmente, aquela parte da magia que não se adaptava às nítidas categorias metodológicas do século XIX, fora descartada, desprezada, esquecida, considerada fábula e superstição. [...] as artes mágicas eram **ciências abortadas** que tinham sido abandonadas antes de atingir uma formulação clara.

Trata-se é óbvio de uma miscelânea enganadora: o curare, a digitalina e o quinino foram descobertas empíricas, a telepatia é uma pseudociência, o hipnotismo uma “ciência” muito duvidosa, a engenharia hidráulica dos egípcios dependeu da sua tecnologia e não da sua magia, assim como a química primitiva já existia muito antes da Alquimia (que se formou tardiamente pela interpretação astrológica da química prática [cf. ELIADE, 1974]).

Mas quem não reconhece neste amálgama *folk-popularesco* o temário do Romantismo ocultista e de sua filha, a Contracultura do século XX? Estamos diante daquela forma de pensar por mitopoiese inimiga da análise racionalista e sempre propositora de alguma Grande Síntese que a Universidade desconhece.

Armado com estas interpretações “tradicionalistas” com as quais ele supera os limites tacanhos da ciência positiva, Waldo conclui que as provas da magia

[...] eram esmagadoras para quem as examinasse com a **mente aberta**: Os poltergeists, as pedras que caem do céu, aparições, gente “enfeitiçada” – pessoas que por motivos pouco claros eram *loci* de **indeterminações** – as casas “infestadas”, os incêndios inexplicáveis que antigamente seriam atribuídos às salamandras. Havia centenas de casos deste tipo minuciosamente referidos por testemunhas insuspeitas mas ignoradas pela ciência oficial porque impossíveis.

[...] Estes casos, entretanto, só “eram impossíveis de acordo com as leis conhecidas, mas se aceitarmos o Outro Mundo co-extensivo adicional eles se tornam perfeitamente críveis”.

Esta ideia de que, descartados os charlatães, qualquer mente aberta pode perceber imediatamente a *verdade residual* que habita o coração da tradição mágica é um pressuposto básico de inumeráveis narrativas da Ficção Científica. No célebre

⁸ *Contiguidade, simpatia e homeopatia* são as três causas fundamentais (leis) com as quais os magos explicam o funcionamento do mundo. Ver *Magic, Science and Religion* de Bronislaw Malinowski (1916).

Childhood's End de Arthur Clarke, um sábio alienígena, depois ler uma boa massa da literatura “paranormal” produzida por humanos, conclui que é tudo bobagem – exceto um núcleo mínimo de fatos que são *reais* em todo o Universo. Uma convicção comum entre aqueles intelectuais que acreditam em fenômenos parapsicológicos mas acham irrespirável o ambiente cultural subalterno em que eles se manifestam.

A Imaginação Cria o Mundo

Waldo faz agora outro salto epistemológico ainda mais profundo: a mente não é apenas uma interprete do mundo. Ela *cria* o mundo.

Será que “[...] a ordem à qual estamos habituados não é **um fantasma criado pela imaginação**? [...] será que antigamente, antes que Galileu **decidisse** o contrário, um “peso de dez libras não caía mais depressa que um peso de uma libra?”. Uma pergunta que lembra o célebre desabafo de Dona Amélia, a última, culta e infeliz rainha de Portugal: “Se este pavoroso Galileu não tivesse posto na cachola a ideia de que a Terra gira não haveria hoje tanta infelicidade no Mundo...”

Talvez – prossegue Heinlein – toda a meticolosa ciência da balística derive apenas da firme convicção de poucos indivíduos que **transmitiram esta convicção a todo mundo**. Talvez as estrelas percorressem seu curso invariável apenas **devido à fé dos astrônomos**. Um Cosmos bem ordenado... criado a partir do Caos pela força da Mente! [...] o Mundo fora plano antes que os geógrafos tivessem decidido ele é esférico. [...] As estrelas tinham sido pequenas luzes fixadas numa cúpula translúcida um pouco mais alta que as montanhas. As tempestades tinham sido efetivamente a ira dos deuses e não tinham nada a ver com o deslocamento de massas de ar. Naquele tempo um animismo imaginado pela mente **criava** o mundo...

Só depois da revolução científica é que

[...] as coisas tinham mudado. A convenção da causalidade invariável e material dominara o mundo; e sobre ela se estabelecera a tecnologia da civilização das máquinas. Se as máquinas funcionavam no mundo em que tinham sido projetadas era porque todos **acreditavam** nelas. Até que, recentemente, um piloto, enfraquecido pela exposição constante às radiações perdera sua confiança nelas, infectara a máquina com sua incerteza... e, conseqüentemente a magia voltara a espalhar-se pelo mundo.

Eis então o que acontecera ao Mundo:

A magia, lei do mundo animístico, fora expulsa pela filosofia da causalidade invariável e sumira. Agora ela ressurgia – e seu mundo com ela. [Se os cientistas nunca tinham encontrado nada nas casas assombradas era porque] suas convicções impediam os fenômenos de acontecer. Já as florestas africanas eram lugares bem diferentes... Lá não havia homens brancos olhando! Lá, portanto, as leis da magia ainda valiam.

A redescoberta desta velha desculpa algo malandra – a presença dos incrédulos inibe a magia – faz com que Waldo, um cientista “positivista”, superando a dialética de Hegel e adentrando a de Groucho Marx, se converta à opinião de Vovô Schneider, o primitivo essencial: “Entender o Outro Mundo” significa perceber que “uma coisa pode ser, pode não ser e **pode ser qualquer outra coisa**”.

Armado com esta nova interpretação anárquico-subjetivista do universo, Waldo não só concerta magicamente os receptores de energia, salvando a civilização, como também se cura da doença que o incapacita fisicamente tornando-se um aplaudidíssimo bailarino. E, última ironia, enquanto o gordíssimo Waldo, livre da *myastenia gravis*, realiza piruetas inacreditáveis o ex-cientista que se tornou um Nureyeff medita: “*estou apenas pensando ou criando um universo?*”. Chuang Tse, Berkeley e Hegel estão sorrindo em seus túmulos. Mas Galileu, Newton e Einstein devem estar indignados.

Onde Entra Charles Fort, Guru do Ceticismo Supersticioso

Na América dos inícios do século XX o grande mestre deste contrailuminismo romântico-populista foi Charles Fort (1874-1932), o mais famoso, astuto e escorregadio escritor daquela cultura de refugos jornalísticos que os italianos denominam *mezza calzetta*, alusão às meias esburacadas, cujos furos são ocultados pelos sapatos.

Obviamente, a influência de Fort sobre os escritores, ensaístas e filósofos da alta cultura anglo-saxônica foi nula. Mas ele foi cultivado por artistas, jornalistas e literatos bem sucedidos como Theodore Dreiser e Arthur Menken, escritores de horror como H. P. Lovecraft e muitos autores de ficção científica – o ramo mais intelectualizado da narrativa popular.

Charles Fort foi antes de tudo um excêntrico colecionador de fatos estranhos, surpreendentes, anômalos, improváveis e maravilhosos encontráveis em velhos livros, jornais e revistas. Suas fichas anotadas ao longo de trinta anos na Biblioteca Pública de Nova Iorque, registram notícias sobre chuvas de sangue e de rãs, combustão espontânea de seres humanos, levitações, aparições de naves alienígenas, monstros marinhos, humanoides, milagres, cães falantes, sonhos premonitórios, *poltergeists*, desaparecimentos misteriosos, fenômenos telepáticos e telecinéticos, anjos,

coincidências sugestivas, fantasmas e fenômenos inexplicáveis em geral.

Note-se que nem tudo na salada forteana era fantasia: grandes blocos de gelo que caem do céu e lulas gigantes são fatos reais. E algumas das suas sugestões mais estranhas, como aquele “mar dos sargaços celestial” à volta da Terra do qual se desprenderiam as rãs, peixes e objetos heteróclitos são apresentadas piscando o olho, como faz Mario Quintana quando diz que dentaduras e guarda-chuvas perdidos vão parar nos anéis de Saturno. Havia algo de comediante em Fort: sua coleção de extravagâncias cuja intenção manifesta é perturbar o senso de realidade do leitor é enunciada com um humor que continua ecoando nos escritos de Heinlein.

Para Fort já que o conhecimento científico, como todos os outros, é socialmente construído ele não pode ser considerado mais válido do que as especulações anticientíficas com as quais concorre. Raciocínio este que o torna uma espécie de bisavô *sauvage* do futuro pós-modernismo relativista universitário franco-americano.

O pós-modernismo (ou desconstrutivismo) que meio século depois de Fort tomaria de assalto as universidades americanas dos anos sessenta-oitenta foi uma visão do conhecimento formulada inicialmente por Jacques Derrida⁹ e Paul de Man¹⁰. Estes dois eruditos do *establisment*, repetindo sem nenhum senso de humor o humorismo anti-*establisment* de Fort, afirmavam provocativamente que a verdade é relativa e pessoal: criamos nossos mundos interiores aceitando ou rejeitando os signos de um caleidoscópio linguístico que não possui pontos fixos de referencia (visão aparentada à *General Semantics* de Korzibsky). Motivo pelo qual, ao contrario do que pensavam os “positivistas” buscadores de certezas ‘simplórias’, não haveria regras garantidas para orientar os investigadores do real.

Para eles, como para Fort, a Ciência seria apenas *uma* entre as muitas maneiras possíveis de configurar o mundo. E se as interpretações do mundo podem ser ilimitadas então o cânone literário e científico ocidental é apenas a visão dos *establisments* ocidentais. Tudo o que um pesquisador pode fazer é apenas buscar o significado das contradições e ambiguidades destas interpretações.

Fort vivera numa América na qual, simultaneamente à criação do jornalismo de divulgação científica, floresciam profetas de novas religiões, a Teosofia, a *Cristian*

⁹ (1930-2004). Pai do “desconstrutivismo”.

¹⁰ (1919- 1983). “Desconstrutivista” belga, que introduziu a crítica germânica na filosofia anglo-saxônica. Para ele a interpretação de qualquer texto sempre será *infinita*.

Science e as conversações com os espíritos. O que ele fez foi dar voz à uma nova e paradoxal geração de *céticos supersticiosos*.

Fort não conclui nada, não quer comprometer-se com nenhuma visão do mundo, não afirma diretamente, não garante a veracidade das estranhezas que acumulou. Apenas pretende desconcertar os racionalistas e ridicularizar os “sacerdotes” do *estabhlisment* científico. Ele próprio se considerava um cético. Mas ele era mais cético a respeito da Ciência cuja arrogância condescendente o irritava do que a respeito do jornalismo popular que o alimentava intelectualmente.

Sua grande fraqueza intelectual – que ele procura ocultar sob o manto da *ambiguidade irônica* – é que os quatro livros que o tornariam famoso – *The book of the damned, newlands, love and wild talents* (FORT, 1919) – não são estudos empíricos dos fenômenos estranhos que ele elenca. São apenas coletâneas daquela literatura que a milênios alimenta a fome dos crédulos.

Sua crítica da razão e da ciência assenta-se sobre aquela dúvida sempre levantada pelos antirracionalistas: será que as tradições fantásticas, as manias, as fantasmagorias e as lendas não contêm um núcleo mínimo de verdades? Uma dúvida que estes filhos tardios do Romantismo – eternamente interessados em “tradições” (HOBSBAWN & RANGER, 2008), magos, fantasmas e bruxedos – consideram “profunda”, mas que só é profunda no sentido de emanar das profundezas daquele caldeirão das bruxas (Freud) que é o inconsciente humano.

Graças à seu tom ambíguo-irônico Fort parece não tomar partido, não levar-se muito a sério. Chega a oferecer várias “teorias” conflitantes para explicar o que expõe. Não julga, parece duvidar tanto do Sobrenatural como da Ciência, não encoraja nenhuma aceitação, mas... *e se* houver uma ou outra coisa autêntica naquela montanha de anomalias? Deveríamos ignorá-las?

O uso sistemático do “E se?...” é a grande chave retórica de Fort, dos seus discípulos como Heinlein e dos contraculturalistas em geral. A gazuca com a qual abrem a porta da dúvida na fortaleza da Razão, sua contribuição especial à luta do Romantismo contra o discurso científico oficial.

Trata-se de um recuso ambíguo. Por um lado a pergunta “E se?” é a uma porta aberta para as alternativas mais curiosas, estimulantes e divertidas da Ficção Científica. É aquele ingrediente que a torna interessante para os intelectuais e a distingue do resto das narrativas populares como as histórias de detetives e *cowboys*.

Por outro lado, este mesmo “E se?” é também a porta da cozinha por onde as antigas superstições, expulsas pela porta da frente, retornam à sala de jantar buscando se relegitimar durante o processo de modernização da cultura.

O Ceticismo Supersticioso na Modernização da Credulidade

A importância de Fort na cultura popular americana foi servir de modelo literário à *modernização da credulidade tradicional*. Sua originalidade foi voltar o feitiço contra o feiticeiro: a mentalidade modernizadora rejeitara a credulidade rural usando o ceticismo racionalista. Inversamente, Fort atacou a mentalidade modernizadora através do *ceticismo irracionalista* dos vitalistas, sobrenaturalistas e “tradicionalistas” – o ceticismo que põe em dúvida os pressupostos racionalistas das ciências.

Contra o estandarte do ceticismo elitista – o elitismo científico das universidades – Charles Fort ergueu a poderosa bandeira do *ceticismo supersticioso* das multidões. Desfraldou-a para um público nostálgico da Magia que, todavia, muito a contragosto, já não podia ignorar a Ciência.

Seu truque retórico mais superficial foi apresentar os fatos *ironicamente*. Ao contrário da fé que nos faz parecer sectários e quadrados, a ironia – cujo valor cognitivo é zero – nos faz parecer inteligentes e sofisticados. Todavia, a ironia – que consiste em desqualificar sem precisar explicar – é apenas um verniz. Ela só convence quem já está convencido. O truque retórico mais profundo de Fort não foi a ironia. Foi o uso sistemático do “E se?”. E se os duendes realmente existirem? E se a Magia não for uma ilusão? E se os sonhos forem proféticos? E se houver mesmo sereias nas profundezas marinhas?

O que Fort nos pede é que, em nome da dúvida sistemática – um método da Ciência – coloquemos de lado mais de um século de acumulação de saberes científicos e reavaliemos as superstições como se elas nunca tivessem sido avaliadas. Mas porque deveríamos começar novamente do zero?

Desde 1880 quando foi fundada primeira *Sociedade de Estudos Psíquicos* da qual participaram eminentes cientistas religiosos como William James, as superstições foram até super investigadas. Só o primeiro “*Censo Internacional de*

Alucinações Durante a Vigília de Pessoas Sãs” de 1894 examinou nada menos que 17 mil casos (SACKS, 2012, p. 61). Zerar todo o conhecimento sério já acumulado e recomeçar a investigar como se até hoje nada tivesse sido avaliado é apenas uma maneira de tornar infinita – e portanto inútil – qualquer discussão do tema. Eternizar a dúvida *indiscriminadamente* é um recurso para humoristas não para estudiosos.

Todavia, apesar da obviedade deste truque, o “E se?” forteano provou ser um recurso de enorme futuro naquela ensaística popular que procura re-legitimar a Magia. Trata-se da “atitude metodológica” adotada em *Le Matin des Magiciens* (1959) de Louis Pauwels e Jacques Bergier, um grande devaneio filo-ocultista que se tornaria o maior sucesso editorial do ceticismo supersticioso do século XX¹¹.

Se, entretanto, nosso objetivo não for a recompensa prazerosa dos devaneios mas a construção de conhecimentos confiáveis, a dúvida sistemática desacompanhada de provas tem pouco ou nenhum valor. Quanto mais improváveis forem as alegações de milagres, mais sólidas precisam ser as provas apresentadas para confirmá-las. É a solidez das provas que deve orientar nossas crenças, não a dúvida indiscriminada que sempre nos impedirá avançar além do primeiro passo.

A verdadeira questão não é, portanto, perguntar se a Magia realmente existe. Quanto a isso, cabe aos magos provar sua existência usando protocolos cientificamente garantidos. Infelizmente, tanto a magia quanto as pseudociências nunca conseguiram superar o teste dos protocolos científicos *repetíveis*. Um fato ao qual os crentes respondem afirmando que, durante as experiências controladas, é *a própria incredulidade* dos cientistas que inibe os efeitos parapsicológicos. O que, é claro, encerra qualquer discussão.

Se efetivamente a presença dos incrédulos impede o controle científico das manifestações *Psi*, então *não há o que fazer* e que cada qual acredite no que *prefere* acreditar. É como afirmar que a presença dos astrônomos impede estudar as estrelas ou que a presença dos sociólogos impede estudar as sociedades. À Ciência só resta lavar as mãos e ir tratar de outros assuntos.

¹¹ Em português, *O Despertar dos Magos*. Pauwels, ex-discípulo do mago Gourdieff, era um admirador de Fort. Bergier era um químico que retornara à Alquimia. No rastro do sucesso do livro surgiu a revista *Planete*, a grande difusora internacional de todas as pseudociências, magias e ocultismos da segunda metade do século XX.

Só que a *verdadeira* questão não é esta. É entender porque a crença na Magia continua sobrevivendo *independentemente* de qualquer verificação desfavorável. A indestrutibilidade da fé na Magia é um dos dados mais surpreendentes da história da humanidade e, também, um dos desafios fundamentais da sociologia do conhecimento.

É também o motivo pelo qual Heinlein e tantos escritores de ficção científica puderam escrever narrativas nas quais as explicações mágicas parecem *plausíveis* aos seus leitores, os quais – supõe-se – deveriam preferir explicações científicas. Uma contradição que Heinlein tornou palatável encobrendo sua escritura com o manto ambíguo da ironia.

O que falta responder – e ninguém até hoje conseguiu fazê-lo – é porque a grande esperança iluminista no triunfo da Razão se revelou uma ingenuidade e a fé na Magia se demonstrou imortal...

Bibliografia

- BERKELEY, G. (1963). *The principles of human knowledge and three dialogues between Hylas and Philonous*. Two major essays in defence of ‘immaterialism’ and a theist world view by the eighteenth century philosopher. New York, Meridian Books.
- BORGES, J. L. (2007). *Ficções*. São Paulo, Companhia das Letras.
- CLARKE, A. (1953) *Childhood’s end*. London, Balantine Books.
- ELIADE, M. (1974). *Herreros y alquimistas*. Madrid, Taurus Ediciones.
- FORT, C. (1919). *The book of the damned*. eBooks and Texts > American Libraries, <https://archive.org/details/bookdamnedbycha00fortgoog>
- GUÉNON, R. (2003) *Theosophy: History of a Pseudo-Religion*. Hillsdale, New York, Sophia Perennis.
- HEINLEIN, R. (1962). *Waldo o dell’Impossibile (1940)*. Piacenza, Casa Editrice La Tribuna.
- HOBSBAWN, E. e RANGER, T. (2008). *A invenção das tradições*. São Paulo, Paz e Terra.
- MALINOWSKY, B. (1916) *Magic, science and religion*. New York, Garden City.
- OUSPENSKY, P. D. (1995). *Um novo modelo do universo*. São Paulo, Ed. Pensamento.
- PAUWELS, L. e BERGIER, J. (1977) *O Despertar dos Mágicos*. São Paulo, Difel.
- PENROSE, R. (1989). *The emperor new mind: computers, minds and laws of physics*. Oxford, Oxford University Press.
- SACKS, O. (2012). *A mente assombrada*. São Paulo, Companhia das Letras.
- SOKAL, A. e BRICMONT, J. (2006). *Imposturas Intelectuais, o abuso da ciência pelos filósofos pós-modernos*. Rio de Janeiro, Editora Record.

- SOUZA, J. C. M. (1947) *O escândalo da geometria*. Rio de Janeiro, Aurora.
- STEINMEYER, J. (2008). *Charles Fort, the man who invented the supernatural*. New York, Penguin Books.
- YATES, F. (1983) *O Iluminismo Rosa-Cruz*. São Paulo, Cultrix.